

HISTÓRIAS DE GENTE COMO A GENTE

DA REDAÇÃO

Em 2021, em meio à pandemia de covid-19, a psicanalista, psicóloga clínica e hspitalar Ana Paula Brandão criou uma conta no Instagram para publicar textos autorais em prosa e poesia. Essa iniciativa resultou na publicação de uma obra intitulada *Poesível* e duas coletâneas de contos também organizadas por ela: *Desmascarados* (Editora Patuá) e *Salto no escuro* (Editora 7Letras).

Agora ela organiza um novo livro, o *[in]verdades* (Editora 7 Letras), que reúne 16 contos de 16 autores de várias partes do País. Cada história convida o leitor a embarcar numa viagem emocionante e emocionada, em que são reveladas diferentes facetas da dimensão humana. Sonhos, desejos, medos, preconceitos, frustrações, segredos. Expectativas e quebras de expectativas, lembranças, saudades.

Os autores – alguns com obras já publicadas – foram selecionados pela psicanalista em suas redes sociais. “Garimpei um a um quando por eles seduzida”, conta a organiza-

Título: [in]verdades
Org.: Ana Paula Brandão
Págs.: 192
Editora: Editora 7 letras



dora. A ideia de Brandão era reunir histórias baseadas em fatos reais, contadas sob as óticas masculina e feminina. Foi assim que ela reuniu oito escritores e oito escritoras – a organizadora é a oitava –, que emprestaram sensibilidade e olhares aguçados para transformar acontecimentos aparentemente ordinários e personagens comuns em protagonistas de contos comoventes. Algumas histórias revelam experiências dos próprios autores. “É um projeto tecido com fios de ver-

VERDADE É PARA SER DITA (E LIDA)

Por **Cássio Zanatta**

Dizem que um é pouco, dois é bom, três é demais. Já dezesseis, digo eu, é bom demais. Esses dezesseis autores que nos presenteiam com textos deliciosos, aqui reunidos. O imenso Thomas Mann dizia que “o escritor é um homem que, mais do que qualquer outro, tem dificuldade para escrever” (homem, claro, referindo-se à espécie humana, não unicamente à pessoa do sexo masculino).

O segredo talvez esteja em parecer fácil: dar a impressão ao leitor que chegar até ali não exigiu – como exige – uma dedicação quase desumana. É o que os textos que o leitor tem em mãos transmitem: como fluem fácil, parecem escritos em algumas horas, num jorro de inspiração. Deus e os dezesseis autores sabem que isso não é verdade: a lapidação exige tempo e algum estoque de sangue.

E já que toquei no assunto “verdade”, eis o ponto em comum entre todos os textos: nasceram de acontecimentos verídicos, colhidos da vida de cada autor. Há, por certo, um tanto de invenção nos relatos – afinal, este é um livro de ficção, não de memórias. Mas, pensando acerca de tudo, está a verdade, a verdade de que é feita a literatura.

A menina que se revela à mãe na escolha do sapato para a festa. O baile salvo por um gesto desvairado. Uma viagem de reflexões e angústias pelo Oriente Médio. A montanha-russa de sentimentos numa visita à avó. Boa música, bons livros e bons vinhos no remoinho da separação. O guardador de carros que guarda surpresas e muita sabedoria. A terapeuta que cumpre uma promessa de 28 anos.

E tem ainda o velho candidato e uma senhora travando um debate no bar. A luta de toda uma vida em dez assaltos. A trilha sonora das lembranças do avô, a todo volume. As balanças conseguem medir o peso de uma vida? Toda adoção é uma gravidez de alto risco. Previsões de uma vidente que viu mais do que podia. Quando os sistemas e a vida estão desconectados entre si. As lembranças de menina caminham pela noite. A reconciliação de um filho com Papai Manoel. São dezesseis histórias. Dezesseis prazeres. Verdade seja dita – e lida.

CÁSSIO ZANATTA já foi revisor, redator, diretor de criação, sem nunca deixar de ser cronista.

dades íntimas nunca reveladas e que, agora, encontram a luz”, diz o mato-grossense e educador Paulo de Moura, um dos autores.

Com tom provocativo, Brandão nos pergunta o que são verdades? “Verdades podem ser histórias ordinárias de gente comum; fatos que se fizeram memórias... verdades dentro de recordações. Mas também podem ser fantasias, confusões, idealizações, meias verdades, inverdades”. A psicanalista ainda lembra que histórias contadas já foram definidas como verdades inventadas. “Sim, em parte são. Mas apenas em parte. Porque há verdades enganosas e mentiras sinceras em todas as histórias, verídicas ou não. De quantas verdades disfarçadas fazem-se as ficções? E a vida?”.

A organizadora completa afirmando que quem conta um conto aumenta um ponto. E também diminui. “Um contador de histórias é, sobretudo, como diz o poeta Fernando Pessoa, um fingidor. Finge dor, alegria, amor. Finge sentir o que sente tanto quanto o que não sente. Finge fatos, lugares, horas, pessoas. Finge ser quem não é. E, quando é, finge não ser. Finge fingir, o escritor. E, assim, acaba por dizer-se”.

As histórias narradas no *[in]verdades* são “baseadas em fatos reais, acontecimentos que tocaram a vida dos autores. Às vezes, suavemente; outras, num atropelo. Não ao acaso, e sim por escolha, nesse livro os escritores falam de personagens homens e as escritoras de protagonistas mulheres”, esclarece Brandão.

“O que importa nesse contexto é que fomos todos tocados pelas experiências que são oferecidas nessa obra, agora em forma de histórias. Há, portanto, um pouco de cada um de nós, em contos, nessas *[in]verdades*. E é de se esperar que haja um pouco de quem as lê também. Identificações são inevitáveis quando somos demasiadamente humanos: escritores ou leitores, todos são gente comum vivendo histórias incríveis. Dentro e fora dos livros, conclui Brandão. **hmt**